

Brasil só paga dívida

FIENSE

ECONOMIA

com novos recursos

Sem um novo acordo o Banco Mundial e o BID, o que garantiria o aporte de novos recursos, será impossível ao Brasil honrar o serviço da dívida externa junto aos bancos comerciais, FMI e Clube de Paris, vencível no ano de 1990. A análise foi feita ontem pelo negociador oficial, embaixador Jório Dauster, após anunciar as primeiras estimativas do Governo quanto aos números para este ano. Segundo ele, os encargos e juros da dívida deverão chegar a algo em torno de 20 bilhões de dólares, dos quais mais de 5 bilhões de dólares já estão vencidos.

"Só será possível definir uma proposta brasileira para a renegociação após a visita da missão do FMI, prevista para julho, disse

Dauster. Em setembro, o Governo já espera ter chegado a um acordo com o fundo, para fechar em outubro a negociação com o Clube de Paris e por último tentar um acordo junto aos bancos comerciais, que juntos respondem por cerca de 8,4 bilhões de dólares do montante da dívida relativa ao serviço de 1990.

Dauster adiantou que "o perfil do serviço da nossa dívida é superior à capacidade de pagamento". Ele avalia que, caso o dinheiro estivesse disponível, nem assim daria para fazer o repasse. "Isso implicaria em transferir recursos da poupança privada para o setor público, o que é difícil de fazer sem uma avaliação precisa do nível de recessão a que se submeteria o setor produtivo". O

embaixador esclarece que as reservas brasileiras não chegam a 6 bilhões de dólares, o que torna necessário captar recursos no exterior para fazer frente ao serviço da dívida previsto.

Com o pacote da renegociação ainda indefinido, Dauster adiantou apenas que os entendimentos com os credores estão ligados à privatização das estatais brasileiras. "Inclui a venda de títulos de conversão das estatais aos bancos comerciais credores do Brasil", disse. Enquanto espera a vinda do FMI, o Banco Central pretende estudar detalhadamente os pormenores dos acordos feitos com outros países como o México, por exemplo, para nortear as negociações com os credores.